

EMOÇÃO, PRIMEIRA FORMA DE COMUNICAÇÃO

Denise de Camargo¹

RESUMO

O objetivo deste artigo é apontar a importância do estudo da relação entre a emoção e as outras funções psíquicas. Utiliza-se de conceitos presentes nas obras de Henri Wallon e Lev Vigotski. O artigo mostra a emoção como forma primeira de comunicação e enfatiza as transformações que ela sofre ao longo da vida, quando entra em relação com as outras funções e passa a se expressar junto ou através delas.

Palavras-chave: emoção, comunicação, desenvolvimento, Wallon, Vigotski.

EMOTION, THE FIRST FORM OF COMMUNICATION

SUMMARY

This article aims to highlight the importance of the relationship between emotion and other psychic functions. Use is made of concepts expressed in the works of Henri Wallon and Lev Vigotski. The article shows emotion as being the foremost form of communication and emphasises the transformations it suffers as people go through life and emotion has to relate with other functions, finally expressing itself with or through such functions.

Key-words: emotion, communication, development, Wallon, Vigotski

¹ Doutora em Psicologia Social; professora do Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência da Universidade Federal do Paraná. Praça Santos Andrade, 50 - 1º andar 80020-300 Curitiba - PR. *E-mail:* denisedecamargo@uol.com.br.

Há quem ainda pense que é possível e necessário estudar as funções psíquicas como se elas fossem separadas em compartimentos estanques. A memória, a imaginação, a linguagem, a emoção e a função sensória e motora etc., cada uma em seu nicho. O resultado são concepções limitadas e deformantes que levam a enormes equívocos.

O estudo da emoção, em particular, tem se submetido a esta regra que remonta aos tempos em que se separavam as “faculdades da alma”, e estas, do corpo, da matéria, e não levavam em conta as interações sociais. Somente quando se estabelecem as devidas relações entre as funções psíquicas é possível avançar no conhecimento. A emoção é um exemplo. Ao percebê-la em cada função é que podemos entender seu papel para o desenvolvimento total do homem. Aqui, pretendemos demonstrar a importância dessas relações.

A emoção compreendida em sua origem revela a sua primeira função. É ela que permite ao homem estabelecer os seus primeiros contatos. A emoção é a primeira forma de comunicação. O recém-nascido se comunica com o mundo, sofre a ação do mundo, e pode atuar sobre ele graças à emoção. Através dela iniciam-se as bases das relações interindividuais.

As primeiras manifestações psíquicas são expressões emocionais. Espécie de pré-linguagem dirigida ao outro. A emoção, uma reação vital de vinculação com o mundo exterior. Segundo Zazzo (1974) e Malrieu (1974), as primeiras manifestações psíquicas não podem ser explicadas, somente por necessidades orgânicas, como as nutritivas, motoras ou sexuais. Eles introduzem o conceito de vinculação para esclarecer as primeiras reações interindividuais do recém-nascido. Vinculação como necessidade de relação com o mundo, necessidade do outro, necessidade de laços afetivos e sociais.

A noção de vinculação, tal como Zazzo (1974) e Malrieu (1974) apresentam, esclarece a relação entre o biológico e o

psíquico e conduz às origens da afetividade. Para estes autores, nas reações do recém-nascido há uma necessidade do outro, que não é apenas orgânica, e está intimamente ligada às outras necessidades. Contém em si o germe de algo mais que a satisfação das necessidades biológicas. Anuncia o desenvolvimento psíquico na comunicação, na relação com o outro.

O papel primordial das trocas com o outro, a análise de como estas trocas ocorrem, evoluem, organizam-se e transformam-se, podem esclarecer aspectos importantes do psiquismo individual. A necessidade do outro também depende das ações e dos afetos recebidos. As primeiras relações, geralmente com a mãe, são permeadas pela história pessoal dela. A mãe está inserida em uma cultura que, com suas instituições, representações, seus valores e significações, está presente nas relações de troca. Pouco a pouco, a vinculação é penetrada pelas experiências sociais dos outros. Desde as primeiras relações estão presentes as expectativas, as esperanças, os receios, os conflitos, enfim, todas as representações sociais inseridas numa certa cultura. Segundo Merleau-Ponty (1990):

As relações com os pais são mais do que relações com duas personagens apenas, elas são relações com o mundo. Os pais são os mediadores das relações com o mundo. A relação com os pais (os outros) é uma relação não de instinto mas de história (p. 132).

Desde os primeiros dias, o bebê é tratado como um sujeito que tem vontade, “quer” ou “não quer” se alimentar, “quer” ou “não quer” sorrir. Segundo Malrieu (1974):

Esta antecipação às suas possibilidades opera uma reestruturação progressiva da vinculação através do jogo complexo das emoções. Elas são orientadas, canalizadas, inibidas em função

das expectativas que fazem nascer outras e as suas interdições (p. 96).

Para Wallon (1995), a consciência de si mesmo, a consciência do outro e a consciência do mundo exterior se constroem na relação com o mundo e com os outros. No princípio, a criança exterioriza a satisfação ou insatisfação em gestos (choro, gritos, alívio, sorriso...) que são respondidos pelas pessoas que cuidam dela e conferem sentido a estes gestos. É desta relação emocional com o outro, indiferenciada e imediata, que nascerão as funções simbólica, da atividade intelectual e as condutas sociais adaptadas.

O INÍCIO DA PARTILHA SOCIAL DA EMOÇÃO E A GÊNESE DA LINGUAGEM

Nas crianças pequenas (do segundo ao quarto mês aproximadamente), é a emoção que permite estabelecer as relações interindividuais. Os bebês compartilham experiências emocionais com os outros. Sorriem quando vêem a mãe sorrir, modificam a expressão quando percebem tristeza.² Suas manifestações são emocionalmente significativas das expressões emocionais dos outros. Seus primeiros canais de comunicação não são os símbolos, mas os mecanismos de uma intersubjetividade que, no início, é emocional. “A criança é capaz de expressões emotivas muito variadas, cuja gama é mais ou menos extensa em proporção às ocasiões de relações mais freqüentes e variadas que seu meio lhe proporcionou.” (Wallon, 1956, citado por Trang-Thong, 1971, p. 66).

2 Estudo de Berger e Cunningham (1981, citado por Locke, 1997, p. 240) demonstrou que o rosto inexpressivo da mãe reduziu de maneira significativa o olhar fixo de bebês de três e quatro meses em suas mães. Em outra pesquisa, a depressão materna simulada fez com que bebês de três a quatro meses produzissem mais expressões faciais sóbrias ou negativas, que continuaram pelo menos durante o primeiro minuto após a mãe ter mudado para seu rosto normal de relacionamento (Cohn e Tronick, 1983, citado por Locke, 1997, p. 240).

As situações de interação emocional são geralmente acompanhadas da fala da mãe e das vocalizações do bebê. (Bowlby, 1969; Bretherton, 1992)³.

A emoção não é uma linguagem. É um meio de expressão que abre o caminho da linguagem. Assegura uma função de comunicação que será fundamental no desenvolvimento da atividade simbólica. É a intercomunicação com os adultos que possibilita a aquisição da linguagem e com ela novas formas de reflexo da realidade. A aquisição da linguagem implica uma reorganização de todos os processos básicos mentais da criança. A palavra aperfeiçoa o reflexo da realidade e cria novas formas de atenção, de memória, de imaginação, de pensamento e de ação.

Segundo Wallon (1995):

Para que a criança possa ultrapassar o nível da experiência ou da invenção imediata e concreta, precisa de instrumentos de origem essencialmente social, como a linguagem e os diferentes sistemas de símbolos que daí provêm (p. 17).

A palavra, transmite a experiência das gerações e da humanidade. Quando é incorporada à linguagem, fecha um sistema completo de conexões no córtex infantil e converte-se em um instrumento poderoso que permite a introdução de formas de análise e síntese da realidade. Ao propiciar à criança nova forma de reflexo da realidade, a palavra reorganiza os processos mentais básicos, transforma sua atividade e forma sua consciência. Segundo Luria & Yudovich (1972):

³ Bowlby (1969) e Bretherton (1992), citados por Locke (1997, p. 241) sugeriram que a vocalização é o instrumento do bebê para manter o contato materno. Bowlby (*op. cit.*) comentou que “o balbucio... tem a função de manter uma figura materna próxima ao bebê, promovendo um intercâmbio social entre eles”. Por sua vez, parece que a aprendizagem vocal e referencial são incentivadas por laços sociais e emocionais entre o bebê e sua mãe ou outros tutores.

Quando a criança adquire uma palavra, que isola uma coisa particular e serve como sinal de uma ação particular, quando responde a uma instrução verbal do adulto, está subordinada à palavra. A palavra do adulto se converte em um regulador de sua conduta, e por isto a organização da atividade da criança é elevada a uma etapa mais alta, qualitativamente nova. Esta subordinação de suas reações à palavra de um adulto é o começo de uma larga cadeia de formação de aspectos complexos de sua atividade voluntária e consciente. Subordinando-se às ordens verbais dos adultos, a criança adquire um sistema destas instruções verbais e começa gradualmente a utilizá-las para a formação de sua própria conduta. Em resumo, a linguagem, o meio básico de comunicação, converte-se também em meio mais profundo de análise da realidade e, o que é essencialmente importante, em um regulador da conduta mais elevada (p. 63-64).

A palavra se insere em quase todas as formas básicas da atividade humana. Na percepção e na memória. No estímulo e na ação. Esta é a compreensão de Luria & Yudovich (1972):

A percepção e a atenção, a memória e a imaginação, a consciência e a ação deixam de ser consideradas como “propriedades” mentais simples, eternas e inatas. Começam a ser entendidas como o produto de formas sociais complexas dos processos mentais da criança; como “sistemas de funções” complexas que aparecem como resultado do desenvolvimento da atividade da criança no processo de suas relações (p. 64).

APROPRIAÇÃO DOS SIGNIFICADOS AFETIVOS E MORAIS NAS RELAÇÕES INTERSUBJETIVAS CONCRETAS

O que acontece com a emoção na reorganização dos processos mentais que ocorrem a partir da aquisição da linguagem?

As emoções se transformam ao longo da vida. Neste processo entram em relação com outras funções e passam a se expressar junto ou através delas. Funções como linguagem, memória, percepção e atenção estão carregadas de emoções e sentimentos, mesmo que, às vezes, elas estejam encobertas, e seja difícil o seu reconhecimento.

No processo de desenvolvimento da criança, o nexos e as relações da emoção com as outras funções não permanecem imutáveis. Surgem relações complexas entre as funções psíquicas. O que se modifica é o vínculo da emoção com a memória, a atenção, a percepção, a atividade sensorio-motora, e, principalmente, a ligação com a linguagem e o pensamento.

No princípio, a emoção é persistente e propagadora. Tem um “poder totalizador” sobre o comportamento (Wallon, 1995). Isto ocorre porque as emoções também operam através do sistema nervoso autônomo e hormonal que atuam em todo o corpo. Durante o desenvolvimento, na interação com a realidade mediada pelos outros que a rodeiam, a criança vai apropriando-se da linguagem e de formas sociais de comportamento que passam a interagir com a emoção, transformando-a. A emoção já não domina o comportamento. O que passa a predominar é a complexa relação que vai se estabelecendo entre a emoção e as outras funções psíquicas. Com o surgimento da linguagem e de formas mais “adaptadas” de comportamento e com a aquisição da linguagem interior, a emoção é mediatizada⁴. Sua expressão modifica-se.

4 Para Vigotski, existem dois elementos básicos, responsáveis pela mediação: 1) o instrumento: tem a função de regular as ações com os objetos; 2) o signo (objeto, forma, fenômeno, gesto, figura, som, aquilo que representa algo diferente de si mes-

Não existe uma fórmula fixa que determine como estão estruturadas as funções psicológicas. Em cada momento do desenvolvimento, há mudanças concretas. As conexões concretas também surgem do desenvolvimento histórico do indivíduo que vive sob relações sociais⁵ determinadas. A apropriação da cultura, impulsionadora do desenvolvimento, se dá nas relações intersubjetivas que são emocionais, como todas as relações humanas. A internalização da cultura ocorre sob a emoção. Em determinadas situações, o caráter emocional das relações humanas está explícito. Em outras, aparece encoberto, e é difícil a sua identificação. Mas toda relação humana tem um caráter emocional.

A integração da emoção com as outras funções⁶ psicológicas realiza-se através da interiorização de significados na ati-

mo): regula as ações sobre o psiquismo das pessoas. Vigotski compara os instrumentos como auxílio nas ações concretas, e signos, “instrumentos psicológicos”, têm a função de auxiliar o homem nas suas atividades psíquicas, portanto, internas ao indivíduo. A invenção e o uso de signos auxiliares para solucionar um dado problema psicológico é análoga á invenção do uso de instrumentos, só que agora no campo psicológico. Através do auxílio dos signos, o homem pode controlar voluntariamente sua atividade psicológica e ampliar sua capacidade de atenção, memória e acúmulo de informações.

5 Nas anotações do Manuscrito de 1929, Vigotski escreveu: “A palavra social em aplicação no nosso caso tem muitas significações: 1) mais geral – todo o cultural é social; 2) sinal – fora do organismo, como instrumento, meio social; 3) todas as funções superiores constituíram-se na filogênese, não biologicamente, mas socialmente; 4) mais grosseiramente – significação – os mecanismos dela são uma cópia do social. Elas são transferidas para a personalidade, relações interiorizadas de ordem social, base da estrutura social da personalidade. Sua composição, gênese, função (maneira de agir) – em uma palavra, sua natureza – são sociais. Mesmo sendo, na personalidade, transformadas em processo psicológicos – elas permanecem ‘quase’-sociais. O individual, o pessoal – não é ‘contra’, mas uma forma superior de sociabilidade.” (Vigotski, 2000, p. 29) Achamos importante transcrever porque o texto esclarece várias palavras usadas constantemente pelo autor.

6 O termo função não tem uma conotação exata na obra de Vigotski. Utiliza, indistintamente, diferentes termos para referir-se a “formas superiores de conduta”, a “funções mentais superiores”, “processos mentais superiores” e também “formas mentais”, “processos mentais”. Importante notar que o termo “função” não pode ser traduzido dentro da teoria funcionalista. Ao compreender o psiquismo como um con-

vidade social dos indivíduos. Relações sempre permeadas de afetividade. Relações de indivíduos concretos que vivem na multiforme realidade social, que mantêm relações complexas com as pessoas ao seu redor, com instituições sociais (a família, por exemplo), com os produtos da cultura humana. Relações que se estabelecem na atividade e dependem do lugar que o indivíduo ocupa na sociedade, das condições sociais e históricas e das circunstâncias que são únicas (Lane & Camargo, 1995).

Nas relações intersubjetivas concretas, a criança está internalizando significados afetivos e morais que vão construindo sua configuração psíquica e sua identidade. Nas relações entre as pessoas, estão sempre presentes os jogos de tensão, de descontração, de alegria ou tristeza, os jogos de sedução e submissão ou exercícios de poder. As relações cotidianas das crianças, como as do adulto, garantem a evolução e a partilha da alegria, da cólera, da surpresa, da tristeza ou do medo (Rimé, 1993).

A BASE AFETIVO-VOLITIVA DO PENSAMENTO

No processo de apropriação da cultura, com a internalização da linguagem, as relações entre as funções psicológicas alteram-se. As formas mais adaptadas de comunicação vão esculpindo a emoção, tornando-a mais encoberta e mediada pela linguagem.

Segundo Vigotski (1987), qualquer que seja a forma do pensamento: representações afetivas, imaginação, fantasia ou o pensamento lógico, ele tem em sua base uma emoção. No final do livro *Pensamento e Linguagem* escreve:

junto de funções, e estas como sendo de natureza cultural, não biológica, Vigotski se distancia muito das teorias funcionalistas. O termo “função” permite romper com as tradicionais “faculdades da alma” (inteligência, afetividade, memória etc.) (Pino, 2000).

O pensamento propriamente dito é gerado pela motivação, isto é, por nossos desejos e necessidade, nossos interesses e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva, que traz em si a resposta ao último “por que” de nossa análise do pensamento. Uma compreensão plena e verdadeira do pensamento de outrem só é possível quando entendemos sua base afetivo-volitiva (1987, p. 129).

A imaginação e a fantasia estão, para Vigotski (1987), a serviço da emoção; mesmo que sua expressão apareça muitas vezes como pensamento lógico, a finalidade e a direção são dadas pela emoção.

AS FORMAS ANTERIORES DE COMUNICAÇÃO E APREENSÃO DA REALIDADE

É necessário levar em consideração as ponderações de psicólogos que questionam a concepção de que, no desenvolvimento, as formas mais “adaptadas” de apreensão da realidade e de comunicação superam as anteriores. É o caso dos estudos de Rimé (1993), que embora concorde que no processo de desenvolvimento as operações do sistema cognitivo-conceitual vão ocupando o primeiro plano da consciência, mostra que esta questão é infinitamente mais complexa do que supomos.

Rimé (1993) argumenta que representações de origem motora continuam a veicular no adulto, sob uma forma *sui generis*, elementos essenciais da significação dos acontecimentos que vivenciamos. Um aspecto da argumentação de Rimé (*op. cit.*) é a recuperação da importância dada ao papel representado pelos processos motores nas operações de percepção e apreensão da realidade. A atividade muscular contribui de di-

versas maneiras para a elaboração de nossas representações da realidade. O sistema motor constrói configurações múltiplas e complexas em resposta aos acontecimentos exteriores.

Através das configurações de atividade muscular desencadeada em continuidade temporal, esses processos têm a propriedade de combinar, no seio de um sistema único, níveis de informação diferentes tais como: o nível sensorial, o nível mímico, o nível afetivo-emocional e o nível adaptativo-comportamental (Rimé, 1993, p. 288).

Na maioria das situações que vivenciamos no nosso cotidiano, as informações são mais abundantes e complexas do que percebemos. Paralelamente ao nosso sistema cognitivo, o sistema motor trata as informações por seus próprios meios. Segundo Rimé (1993), parece muito improvável que nosso sistema cognitivo se encarregue de converter em conceitos ou proposições a enorme quantidade de informações motoras presentes nas vivências emocionais. O sistema motor é, certamente, um excelente candidato para constituir as impressões holísticas e vivas que retornam em diversos momentos e contribuem para nossas representações pessoais.

Rimé (1993) quer ressaltar que os modos de apreensão da realidade não foram suplantados e eliminados do nosso repertório. O sistema sensitivo-motor e as modificações fisiológicas que acompanham a emoção continuam desempenhando sua contribuição em nossa apreensão da realidade. Seu funcionamento nos alimenta com informações difusas, inarticuladas, nas quais as partes são indistintas do conjunto.

Este fato fica evidente nos momentos quando queremos compartilhar com outras pessoas nossas vivências profundas, carregadas de emoções e nos damos conta ao mesmo tempo da importância e da amplitude dessas impressões e da dificuldade de traduzi-las em palavras (Rimé, 1993).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Lane, S. & Camargo, D. (1995). Contribuições de Vigotski para o estudo das emoções. Em S. Lane & B. Sawaia (Orgs.), *Novas verdades da psicologia social* (p. 115-131). São Paulo: Editora Brasileira.
- Locke, J. L. (1997). Desenvolvimento da capacidade para a linguagem falada. Em P. Fletcher & B. Macwhinney (Orgs.), *Compêndio da linguagem da criança* (p. 234-251). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Luria, A. R. & Yudovich, F. (1972). Lenguaje y desarrollo mental. Em E. Stones (Org.), *Psicología de la educación* (p. 61-72). Madrid: Ediciones Morata S.A.
- Malrieu, P.(1974). A vinculação. Em R. Zazzo (Org.), *A vinculação "attachement"* (p. 89-105). Lisboa: Coleção Educação e Reabilitação, Socicultur Divulgação Cultural.
- Merleau-Ponty, M. (1990). *Merleau-Ponty na Sorbone*: resumo de cursos de psicossociologia e filosofia. Campinas: Papyrus Editora.
- Pino Sirgado, A. (2000). O social e o cultural na obra de Vygotsky. *Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação*, 71, 45-78.
- Rimé, B. (1993). Le partage social des emotions. Em B. Rimé & K. Scherer (Orgs.), *Textes de base* (p. 271-301). Neuchâtel-Paris: Delachaux & Niestlé.
- Trang-Thong. (1971). *Qué ha dicho verdaderamente Wallon*. Madrid: Edita Doncel.
- Vigotski, L. S. (1987). *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editores.
- Vigotski, L. S. (1991). *Obras escogidas I*. Madrid: Ministerio Educación y Ciencia. Visor.
- Vigotski, L. S. (2000). Psicologia concreta do homem. *Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação*, 71, 23-44.
- Wallon, H. (1995). *Origens do caráter na criança*. São Paulo: Editora Nova Alexandria.
- Zazzo, R. (1974). *A Vinculação "attachement"*. Lisboa: Coleção Educação e Reabilitação, Socicultur Divulgação Cultural.